

*Elites
sem sucesso*

RUY FABIANO

E-mail: ruy@cbdata.com.br

29 AGO 1997

CORREIO BRAZILIENSE

Em busca de um nome

O presidente Fernando Henrique Cardoso, quem diria, é hoje o mais ardoroso defensor da candidatura presidencial de Lula. A hipótese de uma sucessão despolarizada o preocupa, pois acabará forçando um segundo turno e alianças que dividirão o campo político conservador.

Do lado oposicionista, trata-se febrilmente nessa direção. Nomes como o do senador Roberto Freire (PPS-PE) e do deputado Paulo Delgado (PT-MG) estão em busca de um nome alternativo, que una as esquerdas e atraia alianças de centro.

Paulo Delgado acha que não há outra chance de vitória oposicionista senão via importação de um nome de centro, confiável e aberto a alianças. O nome poderia ser Ciro Gomes, José Sarney ou Itamar Franco. Roberto Freire acredita que a vitória possa ser obtida com um nome da própria esquerda, desde que formule discurso renovado, que incorpore as conquistas do real. E cita Tarso Genro, do PT.

De todos os lembrados, Ciro

e Tarso são os mais citados pelos articuladores da candidatura de consenso. Ciro, porém, é acusado de falar demais e criar arestas desnecessárias, sobretudo junto ao empresariado. "Alguém precisa pedir ao Ciro para ele ficar calado", diz Delgado. Tarso Genro enfrenta a divisão petista, que viverá sua prova de força este fim de semana quando, em encontro nacional, no Rio, o partido elegerá o novo presidente.

O raciocínio dessas lideranças é consistente. Se a eleição se polarizar, reproduz-se o quadro da campanha passada — e inevitavelmente seu resultado. De um lado, estará o Plano Real, personificado por Fernando Henrique; de outro, sua negação. Por aí não dá. O único meio de enfraquecer a candidatura oficial é provocando divisão entre suas forças, deixando de ser o real o eixo da campanha.

A eleição passaria a centrar-se na discussão do futuro: desemprego, distribuição de renda, retomada do desenvolvi-

mento etc. Delgado acha que Sarney, melhor que os outros, provocaria o racha, mas lamenta que a esquerda faça tantas restrições ao seu nome.

"Trata-se de mero preconceito. As posições que ele tem sustentado são bem próximas das nossas, além do fato de já ter tido experiência na Presidência, onde conviveu com ampla frente democrática, administrando alianças e acordos concebidos por Tancredo Neves," analisa Delgado.

Sarney não está indiferente a essas especulações. Sua candidatura não está formalizada, mas está posta ao exame do PMDB. Internamente, tem o apoio do presidente do partido, Paes de Andrade, e de um de seus caciques, Orestes Quêrcia. Precisa, porém, de gesto mais audaz: romper com parte de sua base política conservadora (em grande parte no PFL), alinhada até a medula na causa da reeleição. A candidatura Sarney depende hoje mais de Sarney que do PMDB.